



Wilder Morais defende moradia sustentável

**“Congresso em foco”
escolhe os melhores
parlamentares do ano**

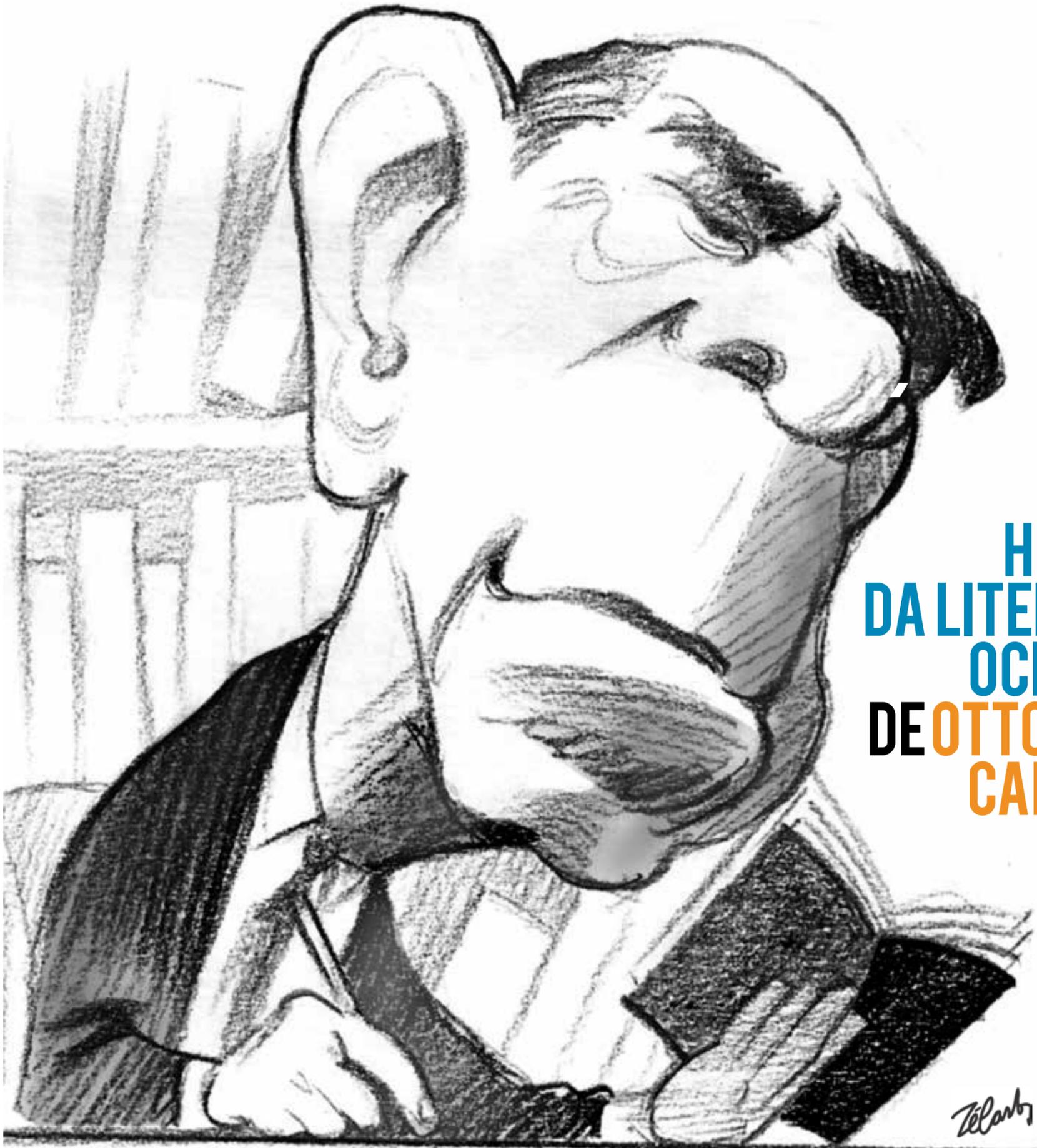


CERRADO



Goiânia, QUINTA-FEIRA, 7 de setembro de 2017

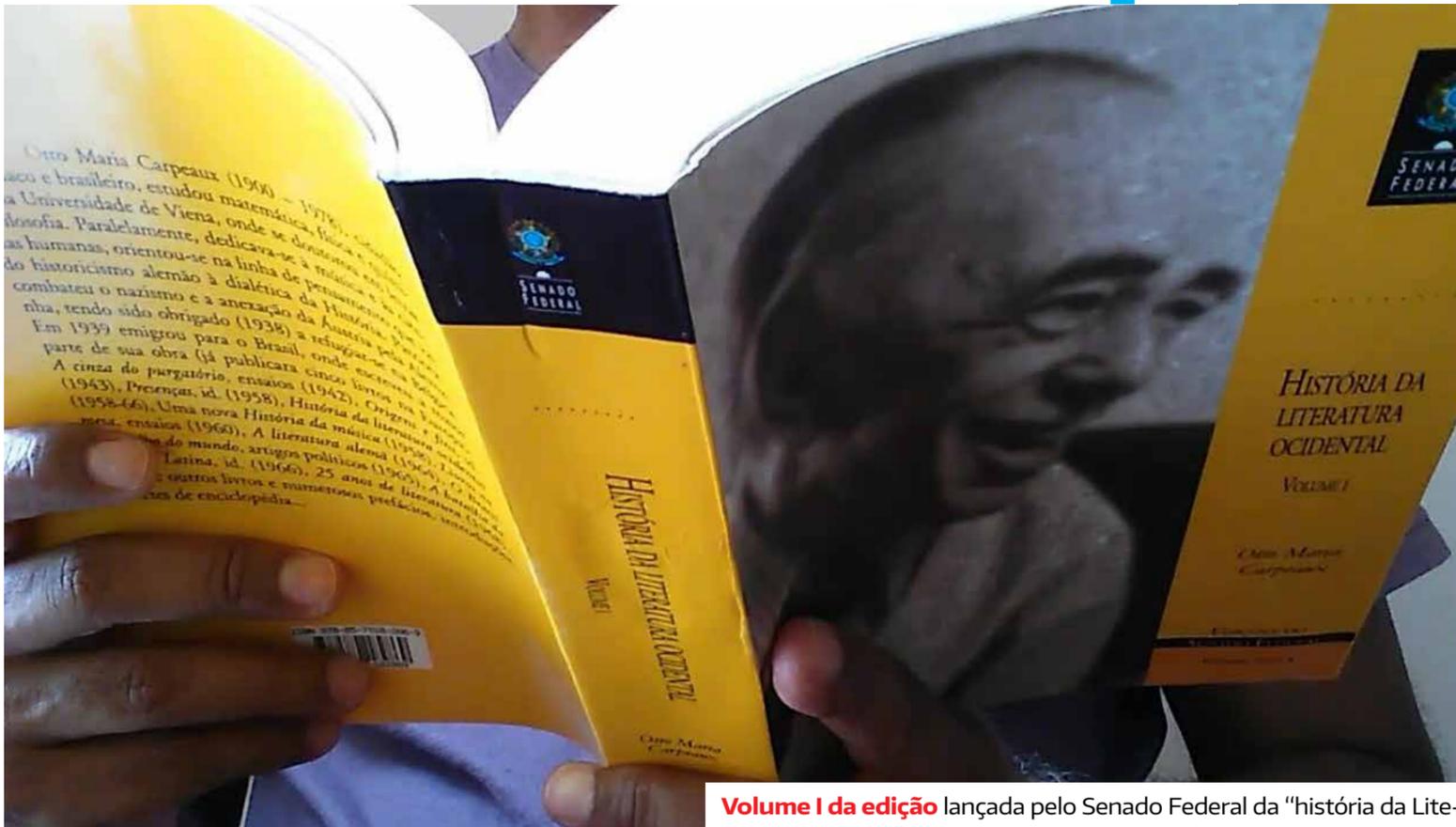
[f](#) [i](#) [t](#) /wildermorais



**HISTÓRIA
DA LITERATURA
OCIDENTAL
DE OTTO MARIA
CARPEAUX**

CULTURA / LIVRO

A odisseia do espírito



Volume I da edição lançada pelo Senado Federal da "história da Literatura Ocidental", de Otto Maria Carpeaux. Obra genial.

J.C. GUIMARÃES

Jorge Luis Borges escreveu, no relato "A biblioteca de Babel", que "nalguma estante de algum hexágono (raciocinaram os homens) deve existir um livro que seja a cifra e o compêndio perfeito de todos os demais". Idealista, Borges acreditava na unicidade da literatura, a despeito da vaidade autoral e das fronteiras geográficas, contingências que julgava não ter a menor importância.

Inspirado no símbolo borgiano, proponho ao leitor um análogo de proporções mais modestas; outro livro – literalmente falando – que ambicionou compendiar todos os demais criados à luz da imaginação (e de valor), foi escrito em português e se encontra no Brasil, onde também foi redigido entre 1944 e 1945. O autor desta obra é de algum modo fantástico, e Borges o depararia num historiador da literatura (além de crítico literário e jornalista) nascido no Império Austro-Húngaro no ano de 1900, chamado Otto Maria Carpeaux: o homem que leu quase tudo. Não é tanto exagero assim, se nos valermos de uma evidência concreta, bem ao alcance das mãos: a História da literatura ocidental, sua obra mais importante.

"Biblioteca" é uma permuta aceitável para designar esse trabalho gigantesco, onde estão encerrados os mais importantes e até muitíssimos livros desimportantes de uma área inteira do conhecimento humano. Longe de ser o único assunto que o polígrafo discutia com propriedade, já é o bastante para causar na gente verdadeiro espanto. A começar pelo tamanho invulgar. A obra divide-se em quatro volumes, 10 partes – excluindo-se o Prefácio –, e 35 capítulos, distribuídos por pelo menos 2.844 páginas de conteúdo¹, abrangendo uma quantidade vultosa de escritores, entre nomes totalmente desconhecidos e os canônicos: todos estes, até a data da primeira publicação, em 1959. O percurso coberto se abisma de Homero, no século oitavo antes de Cristo, até Eugen Gomringer, poeta teuto-boliviano concretista da década de 1950. Sem nenhum favor ou chauvinismo, História da literatura ocidental (que chamarei pela sigla HLO daqui para frente) é, com certeza, o mais completo registro da arte verbal de todos os tempos, em qualquer língua. Uma das glórias, e das maiores indiscutivelmente, da língua portuguesa.

Ninguém melhor do que Carpeaux nos dá a impressão cabal de abrangência em torno de

um assunto. Tudo porque a obra analisada rompe com o padrão usual – que prefere o exame particularizado de casos –, mesmo quando é julgado prudente os cortes cronológicos menos extensos. Parece irreplicável o argumento de que ninguém pode esgotar qualquer assunto. E quando os estudiosos são tentados a subverter esta orientação, os resultados mais abrangentes nunca extrapolam as evoluções nacionais, tornando praxe um padrão herdado da historiografia romântica. Exemplos dessa natureza são numerosos (portanto, comuns) e existem em qualquer país, podendo-se lembrar, entre nós, inúmeros casos semelhantes aos da História concisa da literatura brasileira, de Alfredo Bosi. Mas um único pesquisador escrever uma história da literatura que comporte a evolução de quase todas as literaturas nacionais (ou melhor, "estilos e obras") – de um hemisfério? Localiza-se, aqui, um dos traços de originalidade e, propriamente dito, a singularidade da HLO.

Antes de conhecer os resultados, estaríamos seguros de prever o fracasso do "aventureiro", que teria pela frente uma quantidade insustentável de obstáculos. Entre eles, o acesso às fon-

tes: onde encontrar os livros de, digamos, Anders Osterling e de Henriette Roland-Holst? Pior: um acervo, combinado ou não, das literaturas holandesa, dinamarquesa ou catalã? Dificuldade tão grande quanto esta é a variedade de línguas, e uma terceira, não menos desanimadora, é o tempo disponível para ler não centenas, mas milhares de livros. Mais ainda, lê-los com o mínimo de profundidade necessária ao exercício responsável da crítica. O gênio universal e a experiência humana de Carpeaux – quinze idiomas, a peregrinação pela Europa e o exílio final, na América do Sul – facultaram-lhe efetivar essa ambição única e desmedida. Precisou de apenas um ano de dedicação tenaz, aos 44 anos de idade, para esgotá-la no papel, sob o título anteriormente aludido. Eis "a cifra e o compêndio" quase perfeito de todos os demais livros, jamais escrito por um único homem.

Carpeaux faz lembrar o que escreveu Harold Bloom na sua proposta de cânone ocidental – original pelo conceito de "ansiedade da influência", não pela lista em si –, quando registra, com resignação estoica, os limites humanos de um pesquisador, a fim de justificar as dimensões de seu empreendimento pessoal:

"é possível escrever um livro sobre vinte e seis escritores, mas não sobre quatrocentos". A afirmação é sensata e ninguém, sobretudo na academia – onde se ensinam as vantagens práticas de se delimitar razoavelmente o objeto de pesquisa –, discordaria dela. Prevalece para qualquer um, até ser surpreendido por um autor tão singular quanto aquele imigrante austríaco, brasileiro por adoção, que escreveu não sobre 400 escritores, mas sobre 400 vezes 20, exatamente! Para muitos, é tarefa impossível como é impossível decodificar o infinito de tantos romances, poemas, contos e peças já escritos nessa mesma tradição, durante nada menos que cem séculos.

Que saibamos, não há em qualquer outra língua empenho tão extraordinário. Carpeaux nota que em 1782 o jesuíta Juan Andrés publicou "a primeira tentativa de uma história da literatura universal", a *Dell'origine, dei progressi e dello stato attuale d'ogni letteratura*. Na "Introdução" à HLO ele compila, ainda, as principais bibliografias, fichários, dicionários, florilégios e histórias que se seguiram desde o primeiro século depois de Cristo. Não dá, porém, notícias de nenhum outro caso semelhante ao que trazia a lume. Simplesmente não existe, em lugar algum, outra obra equivalente à sua. Bloom é apenas um dos muitos nomes internacionais que ignoraram a existência deste autor, embora Carpeaux seja o único a reunir, segundo registro pessoal, pelo menos 8 mil "autores", dos quais parece ter lido, em parte expressiva dos casos, o conjunto da obra.

Pelos resultados alcançados, podemos afirmar que o brasileiro é um dos intelectuais mais significativos do século XX, do porte e eminência de um Arnold Hauser – se bem o século XX não seja consciente disso e tal importância não tenha, de fato, se confirmado. Sequer na Áustria, onde nasceu. Se lá houvesse permanecido e escrito na língua materna, Otto Karpfen (grafia germanizada do autor) seguramente teria... (Cont.)

ESTE ENSAIO pode ser lido na íntegra em "Uma idade para ser eterno" (2015), de J.C. Guimarães

HABITAÇÃO

Wilder Morais defende moradia sustentável



WELLITON CARLOS

O senador Wilder Morais tem sido lembrado pelos demais agentes públicos como o “senador da moradia”. Durante as solenidades, muitas vezes a história que surge é do engenheiro civil que enfrentou todas as dificuldades para que a própria família conquistasse sua moradia.

Em solenidade realizada no dia 26 de agosto, no Goiânia Arena, em Goiânia, quando o Governo de Goiás realizou a entrega de moradias para os habilitados em seu programa de casas populares, o povo se emocionou ao conhecer a história de Wilder.

O parlamentar goiano mudou de casa 24 vezes até conseguir a residência definitiva para a mãe. Depois, todavia, construiu milhares de empreendimentos, tornando-se um dos maiores construtores do país com a empresa de engenharia Orca Empreendimentos, criada com colegas de faculdade na década de 1990.

Durante a solenidade, Wilder reafirmou seu compromisso com a moradia e disse que irá buscar mais recursos para atender Goiás. Ele é o responsável direto pela liberação de R\$ 600

milhões junto à Caixa Econômica Federal – entidade do Governo Federal que mais auxilia na construção de casas populares. O tema da moradia desperta Wilder, pois o parlamentar trata de um assunto que o toca imediatamente como profissional.

Para Wilder, várias questões são suscitadas quando se fala em habitação. Se por um lado existe a questão das políticas públicas, por outro é preciso abranger a questão ambiental e a geração de empregos. Wilder lembra agora mesmo a crise hídrica que ocorre em todo país e a necessidade de implementação de programas de governo para mudar a cultura do desperdício da água.

Diante do racionamento de uso de água posto em prática no Distrito Federal e casos de escassez de água que ocorreram em Goiânia e região metropolitana, o senador disse que é preciso colocar em prática ações sustentáveis que reduzam o consumo de água sem que exista a necessidade de uma norma cogente contra os moradores.

Wilder foi relator de uma proposta que exige a adequação dos sistemas de coleta, armazenagem e uso de águas pluviais no programa

“Minha casa minha vida”. “Essa questão da água é uma exigência ambiental e de ordem econômica. Não podemos desperdiçar um bem, que tem valor e custa caro”.

Para Wilder, a proposta que relatou, realizada pelo senador Ivo Cassol, vai de encontro a uma nova tendência em defesa das moradias sustentáveis. Wilder elogia a proposta que visa exigir nos empreendimentos do Programa Nacional de Habitação Urbana (PNHU) a adequação ambiental do projeto, tendo como obrigatoriedade a implantação de sistemas de coleta, armazenagem e uso de águas pluviais.

Wilder diz que a exigência é um sinal dos tempos e que já apresentou proposta de reuso de águas residuais em edificações executadas com recursos da União. O senador afirma que a captação e reserva de águas pluviais – medida que pode contribuir para atenuar o fluxo da drenagem em situações de chuvas intensas – seria um dos mecanismos mais coerentes diante das constantes crises hídricas que se anunciam.

MAIS MORADIAS

Wilder defende também a ampliação de programas de moradia para mais faixas

de renda. Conforme o parlamentar, ofertar habitação adequada é condição essencial para que o brasileiro exerça a cidadania.

O senador recorda que a demanda de moradias é grande, o que aumenta o desafio de quem está neste campo de batalha política. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Brasil apresenta um déficit habitacional de cinco milhões de moradias.

As perspectivas, todavia, são piores para o futuro: a pesquisa do Ipea informa que a demanda por habitação de baixa renda deve chegar a 20 milhões de unidades em 2024. Por isso Wilder alerta que é necessário entender habitação como uma política continuada. O seja, assim como saúde e educação, o gestor precisa investir para aplacar um déficit crescente e que apresenta consequências em diversas áreas.

Outro tema travado por Wilder é a questão da ocupação das cidades. O senador é favorável ao uso de medidas modernizadoras do espaço urbano, tendo em vista garantir segurança aos moradores. Ele lembra que relatou na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), projeto apresentado pelo senador Paulo Bauer, de Santa

Catarina, que visa instituir no Brasil o parcelamento através do “Estatuto das Cidades”.

Segundo o parlamentar de Goiás, o projeto permite ao poder público requisitar imóveis localizados em áreas insalubres, de risco ou atingidas por desastres para realização de obras de regularização ou recuperação.

Batizada de ‘land readjustment’, expressão em inglês que significa parcelamento do solo, a ação visa impedir catástrofes. Wilder diz que no Brasil o mais comum é desapropriar a área. O problema é que desapropriar custa caro para o poder público, que, muitas vezes, ignora as situações de risco. De acordo com Wilder Moraes, o parcelamento é um método de desenvolvimento urbano de execução compartilhada em que todos os proprietários e inquilinos contribuem para o financiamento e a realização do projeto.

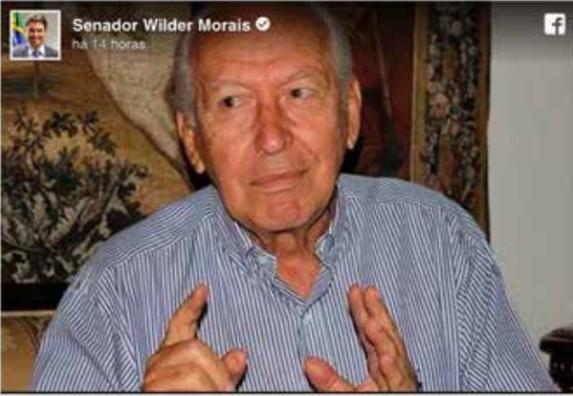
Para Wilder, a questão das áreas de risco é séria, pois envolve segurança e qualidade de vida. “Temos obrigação de repensar com urgência mecanismos de proteção e que possibilitem de forma realista atender ao povo que reside nestas áreas e que vive amedrontado”, diz Wilder.

DIVULGAÇÃO

06:44
diariodegoias.com.br

O senador Wilder Morais também lamentou a morte do ex-prefeito.

Senador Wilder Morais
há 14 horas



Meus sentimentos à família do ex-prefeito Nion Albernaz. Ele, que foi vereador, deputado federal, fez uma brilhante gestão nas suas passagens pela Prefeitura de Goiânia. Que Deus conforte sua família.
Imagem: Internet

Biblioteca Bernardo Élis

wildermorais.com.br/biblioteca



f i t /wildermorais

No escritório do mandato, em Goiânia
Rua 88, nº 613, Qd. F-36, Lt. 06-81,
Setor Sul – CEP 74-085-115.
Telefone: (62) 3638-0080/(62) 3945-0041

O Prêmio Congresso em Foco seleciona os melhores parlamentares do ano.

Participe!

senador
Wilder



congressoemfoco.com.br/votacao-premio-2017